

**TÃO LONGE, TÃO PERTO: QUIROGRAFIA
E EDIÇÃO DIGITAL, MEDIEVAL E CONTEMPORÂNEO**

Mario Newman de Queiroz¹³² (UFRRJ)
mcnqsofocles@gmail.com

RESUMO

Neste texto, procura-se apresentar como uma série de transformações têm ocorrido na trabalhosa e até há pouco tão árida área da crítica textual (ecdótica). Essas transformações têm sido impulsionadas principalmente pelos estudos medievais, por conta de inadequações entre a “moderna” (desde início do século XIX) crítica textual, fundada em bases positivistas, individualistas, nacionalistas e a edição dos textos medievais. A partir das novas possibilidades geradas pelas tecnologias de edições digitais, os estudos medievais encontraram, na superação da forma livro impresso, modos muito mais condizentes com as condições medievais de escrita, produção, difusão e apresentação dos textos, em conformidade com as concepções de gente e autoria, oralidade e difusão, movência e diversidade, quirografia e cópia escribal.

Palavras-chave:

Ecdótica. Edição Rizomática. *New Philology*.

ABSTRACT

In this text, we seek to present how a series of transformations have occurred in the laborious and until now very arid area of textual criticism (ecdotic). These transformations have been driven mainly by medieval studies and so often claimed inadequacies between the “modern” (since 19th century) textual criticism, founded on positivist, individualistic, nationalist bases and the edition of medieval texts. Based on the new possibilities generated by digital publishing technologies, medieval studies discovered, in overcoming the printed book form, ways much more consistent with the medieval conditions of writing, production, diffusion and presentation of texts, in accordance with people's conceptions. and authorship, orality and diffusion, fluidity and diversity, chirography and scribal copy.

Keywords

Ecdotic. New Philology. Rhizomatic Edition.

1. Introdução

Desde fins do século XV, da imprensa de Gutenberg até a filologia moderna, a partir do início do século XIX, buscou-se afastar as formas medievais de produção e difusão dos textos. A autoria e a impressão

¹³² Dedicatória: às mestras Marlene Gomes Mendes e Nilda Santos Cabral. *In memoriam*, ao amigo José Pereira da Silva. Agradecimento: à Rívia Silveira Fonseca, a leitora.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

gráfica do moderno livro substituiria o caos dispersivo e a indeterminação autoral daquele passado tido por “pouco racional”, das cópias manuscritas, decoradas de iluminuras.

Em *Éloge de la variante: histoire critique de la philologie*, Bernard Cerquiglini, no primeiro capítulo, se preocupa em mostrar como a noção de texto, do estudo dos textos funda uma série de práticas profissionais e científicas modernas. “O texto como espesso obstáculo, examinado sob os mais diversos ângulos, parece um dos valores de nossa modernidade”¹³³ (1989, p. 18). Essa concepção de texto como a ser interpretado, e não compreendido por revelação, nós sentimos como se fosse supra-histórico, mas Cerquiglini nos faz ver como ela é datável e busca sua contextualização histórica. Muito embora se forme lentamente desde fins da idade média, como consequência de “progressos técnicos e jurídicos”, que em massa convergem nos fins do século XVIII, é surpreendente nova essa forma. Primeiro, a forma moderna de texto é solidária à impressão gráfica, que realiza “um antigo sonho, formulado sem dúvida desde o nascimento da escritura: aquele da cópia fiel”¹³⁴ (p. 18). Desejo de máquina: que reenvia todo escrito à imutável objetividade de uma reprodução mecânica.

Em segundo lugar, o autor, a forma valorizada e jurídica do autor como indivíduo. Retomando Michel Foucault, Cerquiglini lembra como essa forma da modernidade vem se formando lentamente desde o outono da Idade Média. Fenômeno complexo, mas bem conhecido a emergência da figura moderna do autor se desenvolve do século XVI até o XIX (p. 25-6), no entanto, somente a partir da metade do século XVIII “possui enfim um aspecto jurídico” (p. 27). Como uma espécie de “desejo” de Gutenberg, que só se realiza plenamente, cúmplice da história da impressão, na aurora do século XIX.

Ainda que nem todas as ideias motrizes fossem inéditas – como aponta Susan Yager (2010, p. 999) –, as formulações de Cerquiglini são primorosas. “A invenção da imprensa é uma revolução bem mais mental que técnica”, por exemplo. Querendo demarcar como o texto moderno é, antes de tudo, “de alguém”, dirá, “o texto moderno é genitivo” (p. 25). Para dar conta das dificuldades em lidar com outros contextos históricos,

¹³³ Le texte comme pierre d’achoppement, de quelque regard très divers qu’on l’examine, semble une des valeurs de notre Modernité (todas as traduções são do autor do artigo).

¹³⁴ C’est, à n’en pas douter, un progrès immense, et la réalisation d’un rêve ancien, formulé sans doute dès la naissance de l’écriture: celui de la copie fidèle.

sempre remarca esse distanciamento entre mundos moderno e medieval:

O autor não é uma ideia medieval. Voltaremos a isso, e, mesmo que se possa mostrar, a partir do século XIV, a figura e a prática de um escritor, é por um anacronismo, que se diria funcional, que lhe anexamos a expressão ‘autor medieval’¹³⁵ (CERQUIGLINI, 1989, p. 25)

A forma livro impresso, associada à ideia moderna-contemporânea de autor, consagraria antigos desejos do domínio do uno na criação e composição de obras. As contemporâneas formas de composição e apresentações de textos digitais, no entanto, têm aproximado dois mundos distantes, o mundo medieval e o mundo contemporâneo. O mundo da *web*, ao da manuscrita. Tão longe e tão perto. As palavras, frases, textos se tornam fluidos, moventes, múltiplos, novamente.

2. Filologia: tradicional e new philology

Em 2017, Matt Cohen, da Universidade de Nebraska, publicou um artigo na *Eletronic book review* – revista acadêmica virtual de estudos literários, de acesso aberto, publicada desde 1994 –, intitulado “The new, new, new philology”, nele de modo muito sucinto é apresentada a enorme transformação por que passam os estudos de medievalística. “Em janeiro de 1990, o mundo medieval mudou” (COHEN, 2017, p. 1). Ele se referia à publicação do número daquela data da mais tradicional revista de medievalística das Américas, *Speculum*, dedicado à *New philology*, por Stephen Nichols, que anunciava o compromisso de questionar os pressupostos subjacentes às práticas filológicas atuais. Assim fazia para denunciar um desacordo subjacente entre as concepções medievais de texto e as modernas. Em seu artigo-editorial, Nichols fazia referência à obra marco de Cerquiglino, *Éloge de la variante*, e a formulação que se tornou consagrada: “a escritura medieval não produz variantes, ela é variância”¹³⁶ (CERQUIGLINI *apud* NICHOLS, 1990, p. 1). Essa afirmação assume uma virada “ontológica” na aceitação da natureza do texto medieval, face aos ditames do modelo moderno de texto e de concepções filológicas.

¹³⁵ L’auteur n’est pas une idéemédiévale. Nous y reviendrons, et, même si l’on peut faire apparaître, dès le XIV^e siècle, la figure et la pratique d’unécrivain, un anachronisme que l’on dirait fonctionnel s’attache à l’expression “auteur medieval.”

¹³⁶ In Nichols: “medieval writing does not produce variants; it is variance”. E no original francês: “Or l’écriture médiévale ne produit pas des variantes, elle est variance” (CERQUIGLINI, 1989, p. 111).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Virada ontológica como a marcada pela noção de “ascensão dos simulacros” apresentada por Gilles Deleuze como característica da modernidade, como “reversão do platonismo” buscada por Nietzsche. Pois foi preciso esse olhar pós-moderno sobre o medieval, sobre o modo de ser das tradições quirográficas, para ressignificar as variantes, para compreender que o texto medieval é aquela dispersão em fazimentos, irreduzível ao trabalho de “binarização”, de redução à unidade dos métodos filológicos de matrizes no pensamento do século XIX. Como diz Leodegário A. de Azevedo Filho sobre a edição crítica (de bases lachmanniana ou bedieriana), “tal tipo de edição se volta para obras com tradição textual divergente ou múltipla, devendo então procurar-se a unidade de lição” (1987, p. 31). No entanto, conforme têm afirmado os medievalistas, nada seria mais contrária à natureza do texto medieval que essa unidade. O texto medieval é simulacro sem modelo, não cópia, muito menos cópia degradada, e sim simulacro ascendido: “Ele (o simulacro) torna impossível a ordem das participações, e da fixação da distribuição, e a determinação das hierarquias”¹³⁷ (DELEUZE, 2002, p. 303).

3. A filologia reconstitutiva do um

Ao lidar com o estudo e a edição de textos da antiguidade clássica, bíblica, medieval os filólogos se deparam com centenas, por vezes milhares de textos testemunhos e variantes de cada texto. Para dar sentido e determinar o que é um texto, a crítica textual (ecdótica) moderna, a partir da primeira metade do século XIX, em investigações da área de clássicas e estudos bíblicos, desenvolveu o método estemático atribuído a Karl Lachmann (1793–1851). Um estema (*stemma codicum*) é uma árvore genealógica em que cada variante de um determinado texto é um ponto e a árvore é resultante da junção destes pontos, testemunhos de um texto visando estabelecer um texto arquetípico, que não necessariamente representa o texto original perdido. Conforme Sílvio Elia, coube a Paul Maas, in *Textkritik*¹³⁸, 1927, expor de maneira acabada a metodologia das concepções lachmannianas, “cujo objetivo final é a *constitutio textus*, ou seja, a produção do texto o mais próximo possível do original” (ELIA, 1993,

¹³⁷ Il rendimpossible et l'ordredesparticipations, et lafixité de ladistribution, et la détermination de lahierarchie.

¹³⁸ Em recente tradução de *Textkritik* para o italiano, em 2017 (o livro de Paul Maas é de 1927), Giorgio Ziffer ressalta, repetindo Pasquali quanto ao valor exemplar do texto, ao queresalta sobre a longa vigência desse livro na Itália (MAAS, 2017, p. IX).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

p. 58). Seguindo também Paul Maas para apresentar o método da estemáticaecdotica, Mathew J. Driscoll, medievalista, estudioso de sagas nórdicas, comenta que o primeiro passo é identificar os testemunhos (*codexunicus* ou *codicesplurimi*) que nos chegam, datar e localizar origens se possível. Depois estabelecer o relacionamento entre elas agrupando-as, anotando, comparando as variantes que elas contêm. Ao agrupar textos em “ramos”, “famílias”, os erros e omissões cometidos por escribas ou impressores fornecem os meios mais válidos para se estabelecer as relações entre os testemunhos. Testemunhos comprovadamente derivados de testemunhos anteriores são descartados, e do relacionamento das restantes será montado o *stemmacodicum*. Prosseguimos literalmente com Driscoll.

Na cabeça, ou raiz, desta árvore está um único manuscrito sobrevivente do qual todos os outros descendem, ou, mais comumente, uma cópia perdida, que pode ser reconstruída com base nos testemunhos sobreviventes. Esse ancestral hipotético é chamado de 'arquétipo' e não deve ser, mas frequentemente é confundido com o 'original', ao qual pode obviamente estar de alguma forma distanciado¹³⁹ (2010, p. 89).

Nem sempre, mas não de todo incomum, a tarefa do editor crítico se estende em conjecturas e adivinhações (*divinatio*), emendando o texto na busca de apresentar o texto o mais próximo possível do original, da vontade autoral como suposta pelo editor.

O descontentamento de medievalistas com relação ao método lachmanniano já se expressava na abordagem proposta por Joseph Bédier (1864–1938). A primeira observação de recusa alcançada por Bédier ao método estemático de Lachmann se deve a sua descoberta de que a gigantesca diversidade de testemunhos e famílias quase invariavelmente se direcionam a um esquema bifido que enrijece a análise. Então dirá com ironia. “Na flora filológica existem apenas árvores de uma só essência: sempre o tronco se divide em dois braços mestres, e em dois somente”¹⁴⁰ (BÉDIER, 1970, p. 11). Essa desconfiança vinha da prática da crítica textual. E o centro das censuras de Bédier ao método lachmanniano residia no fato de um método se querer objetivo, científico, mas propor arquéti-

¹³⁹ At the head, or root, of this tree is either a single surviving manuscript from which all others descend, or, more commonly, a lost copy, which can be reconstructed on the basis of the surviving witnesses. This hypothetical ancestor is called the ‘archetype’, and should not be, but frequently is, confused with the ‘original’, to which it may obviously be at some remove.

¹⁴⁰ Dans la flore philologique il n’y a d’arbres que d’une seule essence: toujours le tronc s’endivise en deux branches maîtresses, et en deux seulement.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pos e textos finais fundados na conjectura e na subjetividade do editor.

[...] se o mais sábio não seria, tudo bem considerado, tudo bem pesado, de preferir a um texto crítico construído de ontem, em tudo bastante novo, o texto de um bom manuscrito, o manuscrito *A*, por exemplo, que não é ir-repreensível sem dúvida, mas que tem ao menos o mérito de ter sido estabelecido há mais de seis séculos e por um homem que sabia o antigo francês muito melhor que nós¹⁴¹ (BÉDIER, 1970, p. 39).

Assim, à suposta objetividade científica, Bédier defendeu uma política editorial de escolha de um único “melhor texto” a ser reproduzido sem emendas (ou apenas com emendas a erros óbvios de escriba). É também um modo de evitar o desejo “autoral” de editores. Buscaria disponibilizar aos leitores um texto de fato existente dentro de alguma tradição e não um texto hipotético, nunca havido.

No entanto, podemos considerar com Cerquiglini que a proposta editorial de Bédier é igualmente redutora da alegria plural do mundo medieval. “O antimétodo de Bédier reconduz, ele também, a obra medieval ao texto autorizado, estável e fechado da modernidade¹⁴²” (p. 101). Ainda que a conjectura e a adivinhação do racionalismo lachmanniano sejam substituídas pela escolha de um caso documental presente, empírico, de um manuscrito sem dúvida real, é novamente o domínio do único, negando-se realizar a inserção desse exemplar em seu espaço variacional múltiplo.

4. A filologia do diverso e da pluralidade

De certa forma, é inútil buscar no método atribuído a Lachmann o problema para com sua inadequação aos textos medievais. Como observa Carlo Bajetta o método de Lachmann “inaugurou uma série de princípios destinados a evitar arbitrariedade na emenda de um texto, e, graças a suas revisões no início do século XX, forneceu uma base confiável para a análise das tradições textuais” (2006, p. 310). O que talvez seja preciso admitir é que o sonho/desejo do “texto único” se realizaria de qualquer

¹⁴¹ [...] si le plus sage ne serait pas, tout bien considéré, tout bien pesé, de préférer à un texte critique construit d’hier, tout battant neuf, le text d’un bon manuscrit, le manuscrit *A* par exemple, qui n’est pas irréprochable sans doute, qui a du moins le mérite d’avoir été établi voilà plus de six siècles et par un homme qui savait le vieux-français presque aussi bien que nous.

¹⁴² L’antiméthode de Bédier ramène, elle aussi, l’œuvre médiévale au texte autorisé, stable et clos, de la Modernité.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

forma e buscaria circunscrever a seu modelo todos os textos, inclusive os textos medievais. O método de Lachmann pode, como lembram Cerquigliani, Nichols, Driscoll, Lardinois, ser utilizado e tem seu valor, principalmente para alguns conjuntos determinados de textos. As suas bases epistemológicas é que não são adequadas para compreender a cultura medieval, suas concepções de homem, autor, produção cultural, texto, literatura... são inteiramente distintas daquelas com que se fazem o mundo medieval. “Tudo, na inscrição literária medieval parece escapar da concepção moderna de texto, de seu pensamento textual”¹⁴³ (CERQUIGLIANI, 1989, p. 43). Nada era mais “natural” para o pensamento do iluminismo e da ciência moderna que pensava o mundo medieval como o mundo da obscuridade a ser superado. Podemos repetir que o mundo medieval mudou com a mudança do pensamento histórico e mudou quando seus estudiosos encontraram, nas contemporâneas formas rizomáticas de editoração eletrônica, uma forma “mais adequada” para apresentação dos textos medievais.

Em escrito posterior àquele da *Speculum*, intitulado *Writing the New Middle Ages*, publicado em 2005, Stephen Nichols reforçaria uma vez mais a distinção entre uma concepção de idade média deformada pela “modernidade” e uma nova idade média formada a partir das mudanças epistemológicas pós-modernas.

Qualquer que seja a definição de pós-modernismo e suas conseqüências, os estudos medievais endossaram a mudança epistemológica que o movimento representa. Brincadeira, humor, relativismo, indeterminação, repetição diferencial (várias cópias em oposição a um original), mimese performativa, pós-colonialismo, gênero, sexualidade e outros conceitos associados à sensibilidade pós-moderna, configuram os estudos medievais contemporâneos de maneiras radicalmente novas¹⁴⁴ (NICHOLS, 2005. p. 422).

Também em 2005, outro nome referência na área de crítica textual, Hans Walter Gabler publicava o verbete “Textual criticism”, no *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory and Criticism*. Magistralmente sintético, o verbete apresenta um histórico da disciplina desde os alexan-

¹⁴³ Tout, dans l’inscription littéraire médiévale, paraît échapper à la conception moderne du texte, à la pensée textuaire.

¹⁴⁴ Whatever the definition of postmodernism and its aftermath, medieval studies have endorsed the epistemological shift the movement represents. Play, humor, relativism, indeterminacy, differential repetition (multiple copies as opposed to an original), performative mimesis, postcolonialism, gender, sexuality, and other concepts associated with postmodern sensibility configure contemporary medieval studies in radically new ways.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

drinos até a *new philology* e a crítica genética. A abertura do momento que trata da *new philology* traz a direta vinculação aos estudos medievais. “Nos últimos anos, a crítica textual medieval tem assumido uma nova visão sobre a performance real da transmissão e realização dos escribas, na literatura e na escrita vernácula secular da Idade Média”¹⁴⁵ (p. 907). Novamente em evidência estavam ali apresentados o desacordo dos medievalistas com o método estematológico, a reconsideração-assunção das variantes, a *mouvance* e a questão autoral, esta última, tal como poderia ser apresentada por Foucault.

A dinâmica da *mouvance* caracteriza a recepção e a disseminação do texto medieval. No entanto, não separa a obra do nome de seu autor. Em vez disso, esse nome lhe dá autoridade, embora, de maneira estranha às sensibilidades modernas, esta é uma autoridade que não autentica o texto nem garante sua estabilidade. Emana do trabalho como uma aura que estabelece uma identidade cultural para o autor em reciprocidade com a obra¹⁴⁶. (GABLER, 2005, p. 907)

Esse verbete é igualmente um marco. A autoridade de Gabler, contra todos os ataques, dava testemunho das fortes bases teóricas e das perspectivas de futuro do novo modo de concepção ecdótica.

Vê-se claramente que a visão de Cerquiglino e Nichols, em 1989-90, mais por concepção teórica que por capacidade de realização, angariou adeptos na medida que os aparelhos de informática se tornaram mais capazes e corriqueiros.

Em 2010, no *The Oxford Handbook of Medieval Literature in English*, em capítulo intitulado “Textual copying and transmission”, Orietta da Rold buscava situar a questão. As complexas associações que envolvem os agentes envolvidos no desenvolvimento da transmissão de textos são estudadas e apresentadas através de suas práticas e da crítica textual. O debate dessas práticas editoriais e abordagem crítica tem-se dividido em duas escolas de pensamento. “Por um lado, temos editores que acreditam firmemente que o texto que editam deve ser o mais próximo

¹⁴⁵ Medieval textual criticism has in recent years taken a fresh look at the actual performance of transmission, and the achievement of scribes, in vernacular and secular literature and writing of the Middle Ages.

¹⁴⁶ Such dynamic *mouvance* of the medieval text characterizes its reception and dissemination. Nonetheless, it does not divorce the work from the name of its author. Instead, that name lends it authority, though, in a manner foreign to modern sensibilities, this is an authority that does not authenticate the text or guarantee its stability. It emanates from the work as an aura that establishes a cultural identity for the author reciprocal to that of the work.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

possível da versão que o autor pretendia publicar”¹⁴⁷ (ROLD, 2010, p.34). É a medievalista da Universidade de Leicester apresentando a tradicional ecdótica de bases lachmaniana-bedieriana retrabalhada por Leighton Reynolds e Nigel Wilson (1968), Bowers (1969,1975), Thorpe (1972), Tanselle (1990).

Thorpe explica: ‘O processo de transmissão de um texto está cheio de possibilidades de erro em todas as etapas do caminho... a história da transmissão de um texto é a de uma degeneração progressiva’; assim, é tarefa do editor recuperar o “texto original” corrigindo esses erros¹⁴⁸ (ROLD, 2010, p.34).

Segue apontando que, por outro lado, a teoria da recepção de Hans Robert Jauss (1978) e a reflexão sobre a atividade dos escribas encorajou uma nova abordagem da tarefa do editor. Variância e movência, termos caros a Cerquiglioni (1989) e Zumthor (1972), encorajam o leitor “a pensar o texto como uma entidade flexível e, assim, a reavaliar o trabalho de um escriba dentro de um meio de produção diferente, o de um escriba em vez de editor”¹⁴⁹ (p. 34). Adequado ao texto de um manual de orientação, a autora se eximia de tomar partido e apontava para a indefinição de uma querela de área.

Durante as décadas de 1980 e 1990, várias publicações apareceram considerando como essas duas abordagens podem contribuir para a edição de textos do inglês antigo e medieval. Não é o escopo deste artigo julgar se o debate foi bem sucedido ou não, basta dizer que nenhum consenso foi alcançado e entre os editores ainda há muita variação de opiniões e metodologias¹⁵⁰ (p.34-35).

O que se pode observar é que as referências e publicações relativas à *new philology* tornam, a partir de 2010, cada vez mais numerosas

¹⁴⁷ On the one hand, we have editors who firmly believe that the text they edit should be as close as possible to the version the author intended to publish.

¹⁴⁸ Thorpe explains: ‘The process of the transmission of a text is full of chance for error at every step of the way ... the history of the transmission of a text is one of progressive degeneration’; thus, it is the editor’s task to recover the ‘original text’ by correcting these mistakes.

¹⁴⁹ “encourage the reader to think about the text as a flexible entity and thus to reevaluate the work of a scribe within a different production milieu, the one of the scribe rather than the editor.

¹⁵⁰ During the 1980s and the 1990s numerous publications appeared considering how these two approaches could contribute to the editing of Old and Middle English texts. It is not the scope of this article to judge whether the debate was successful or not, it suffices to say that no consensus was reached and amongst editors there is still much variation of opinions and methodologies.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e difundidas. Outras duas entradas em obras de referência surgem em 2010, os verbetes “New philology”, no *The Oxford Dictionary of the Middle Ages*, e o de Susan Yager, no *Handbook of medieval studies: terms, methods, trends*, nesse texto, Yager retoma, entre outros, texto de natureza semelhante de Sarah Kay, publicado no volume III, de *New Medieval Literatures*, de 1999.

5. Medieval pós-moderno, a edição crítica eletrônica do futuro

Em “Princípios críticos para a fatura de uma edição do *corpus* poético colonial atribuído a Gregório de Matos e Guerra”, João Adolfo Hansen e Marcello Moreira empreendem a melhor análise das bases teóricas da ecdótica brasileira. Nessa análise, diretamente no que nos importa aqui, vê-se como a questão da superação da centralidade da figura do autor, da superação da “busca pelo texto da vontade autoral”, não basta para efetivamente se chegar a essa que agora se denomina *new philology* e que tem sido conduzida principalmente por medievalistas. Hansen e Moreira são precisos. O primeiro resultado do descentramento da questão do autor, nessa área, é a produção de edições sinópticas, como está mesmo no subtítulo da edição de Hans Walter Gabler de *Ulysses*, “A critical-landsynopticedition” e na famosa edição de Robert T. Pickens para as cantigas de Jaufré Rudel. Pois em ambas a miragem do autoral surge. Na de Gabler, uma versão para leitura do público não especializado “fixa teleologicamente uma *bestversion*, portanto, elide a base constitutiva da própria edição, que seria o *versioning*” (HANSEN; MOREIRA, 2013, p. 40). Na de Pickens, a apresentação das versões em tipos gráficos distintos, fontes de tamanhos diferentes, termina por hierarquizar as versões e sugerir alguma delas como a que hipoteticamente teria maior “proximidade com o que Jaufré Rudel teria ideado” (p. 40). Desse modo, o que se propunha baseado na noção de *mouvance* de Zumthor retorna ao modelo impresso do domínio do uno.

Quando Peter Robinson se indaga sobre o conceito de “obra” na era digital (2013, p. 13-42), seu foco é evidentemente trazer a compreensão das formas de edição eletrônica que ultrapassam a forma do incunábulo e do livro fixado em tela, digitalizado como podemos encontrar no brasileiro site “domínio público”, por mais proveitoso que isso seja. Se por um lado ele ainda preserva em seu conceito de obra um sonho de autoral, por outro, conhecedor das possibilidades da edição eletrônica, sua noção de “obra” explode a antiga conceituação de obra ao incluir discurs-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sos de diversas fontes e naturezas no seu bojo. “*Stemma*, árvore, rede, gráfico direcionado, rizoma – todo e qualquer tipo de relação é possível em meio aos documentos que constituem uma obra” (2013, p. 40)¹⁵¹. Robinson observa que uma teoria da “obra” em torno da questão autoral teve força entre os anos 1960 a 1999, mas a partir daí a revolução digital começou a produzir a “fuga” dessa noção. Serão dos pontos para o que Robinson aponta como a grande vantagem da revolução do computador. Diante, por exemplo, dos mais de 5.000 manuscritos do *Novo Testamento* em grego, apresentar obras abertas em sites pode ser o melhor, como “locais públicos de produção”, onde editores e leitores contribuam para a fabricação textual (p. 40). Constante “obra” em fazimento.

André Lardinois, ao tratar do emprego da *new philology* à edição de textos da antiguidade grega, faz uma observação que explica muito das oscilações na afirmação do emprego dela, “os princípios da *new philology* são mais aplicáveis a certos gêneros e períodos que a outros”¹⁵² (2020, p. 47). E cita exemplos, da cultura medieval e da antiguidade clássica, de maior ou menor adequação às abordagens dessa, assim, embora se possam encontrar variações significativas nas canções de Walther von der Vogelweide, a transmissão de romances medievais de corte apresenta maior estabilidade. No mundo da antiguidade grega, os princípios da *new philology* estão mais de acordo com a movência tantas vezes apontada em textos épicos ou líricos, muito ligados à execução oral e adaptações performáticas, do que com os textos das Histórias de Heródoto ou Tucídides¹⁵³.

Professor de estudos e história das formas textuais, autor de *De Gutenberg ao Google* (2007), Peter Shillingsburg publicou dois ensaios na revista *Digital Humanities Quarterly*, em 2009, que ainda apresentavam uma perspectiva projetiva sobre o futuro das edições “acadêmicas eletrônicas”, mas que são cada vez mais a realidade da edição de textos para os estudos medievais e da antiguidade. Vale reproduzir um longo trecho do autor.

¹⁵¹ *Stemma*, tree, network, directed graph, rhizome – every and any kind of relationship is possible among the documents which constitute a work.

¹⁵² Third, it has been pointed out that the principles of New Philology are more applicable to certain genres and periods than to others.

¹⁵³ The principles of New Philology are therefore more suitable for the Homeric epics or early Greek lyric poetry than to, for example, the histories of Herodotus or Thucydides, although some texts that were primarily read in antiquity also contain significant variations, especially technical treatises and popular romances.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A edição eletrônica acadêmica do futuro – aquela que realmente será usada e, portanto, influenciará o estudo e a crítica literária – será conveniente: tão barata quanto um livro de bolso, com uma interface amigável (adaptável pelo usuário para se adequar a sua condição, seja o usuário um acadêmico, um estudante ou um turista), e será tratada como do próprio usuário, com marcadores, destaque, espaço para notas marginais e a capacidade de fazer anotações ou até mesmo alterar os materiais que aparecem na tela no que realmente deve parecer a cópia privada do usuário. Será conveniente tanto para os editores que os constroem, quanto para os acadêmicos que os aumentam. Será mantido, com partes componentes que são substituíveis e passíveis de serem suplementadas, conforme novos dados e novos usos para que dados textuais se desenvolvam. Além disso, será conveniente para os técnicos – agora e no futuro – aderir aos padrões, exceto onde os padrões impõem limitações intoleráveis¹⁵⁴. (SHILLINGSBURG, 2009, § 31)

Entre as certezas teóricas e a realização dos avanços, há uma espécie de superação psicológica a se realizar. É disto que nos parece tratar a observação na conclusão do texto de Driscoll, em que ocorre uma espécie interessante de *mea culpa*. A dificuldade em as edições críticas eletrônicas realmente obterem sucesso estaria na incapacidade dos próprios editores críticos em superarem certas características psíquicas inerciais, advindas do antigo modelo de editor: “pois envolveria inevitavelmente a renúncia ao controle mais ou menos total que os estudiosos textuais tendem a querer manter sobre o caminho nos quais ‘seus’ textos são apresentados”¹⁵⁵ (2010, p. 104). Daí os textos tenderem a apenas reproduzir na tela a fixidez do texto impresso. Simultaneamente, Driscoll aponta de onde virão as transformações de postura e concepções, uma espécie de pressão que viria com o que foi denominado de “WEB 2.0”, com web interativa, redes sociais, criando um novo modelo psíquico, afeito a textos

¹⁵⁴ The scholarly electronic edition of the future – the one that will actually be used and therefore influence literary study and criticism – will be convenient: it will be as cheap as a paperback book, with a user-friendly interface (adaptable by the user to suit his or her condition, whether the user is a scholar, a student, or a tourist), and will be treated as the user’s own, with bookmarks, highlighting, space for marginal notes, and the ability to annotate or even change the materials that appear on the screen in what must truly feel like the user’s very own private copy. It will be convenient both for the editors that build them and the scholars who augment them. It will be maintainable, with component parts that are replaceable and amenable to being supplemented as new data and new uses for textual data develop. It will be convenient, moreover for technicians – both now and in the future – adhering to standards except where the standards impose intolerable limitations.

¹⁵⁵ [...] as doing so would inevitably involve relinquishing the more-or-less total control textual scholars have tended to want to maintain over the way in which ‘their’ texts are presented.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

interativos de edição mais fluente. Era ainda preciso responder à acusação do início do texto, de chamarem os “adeptos da movência”¹⁵⁶ de preguiçosos. Observa que se deve buscar essa fluidez sem abrir mão do rigor acadêmico ou de princípios filológicos. Deve-se buscar editar “arquivos interativos” em que as pessoas possam usar de maneiras até inesperadas para quem editou. E conclui:

Zumthor, Cerquiglino e os 'novos' filólogos todos argumentaram que a instabilidade textual (variação, mudança, 'não fixação') é uma característica profundamente fundamental da transmissão quirográfica de textos que, em vez de tentar trazer ordem a esse caos, devemos celebrar isto. Aqui, finalmente, temos um meio de fazê-lo¹⁵⁷ (p. 104).

Era a conclusão extremamente franca de um medievalista adepto da *new philology*, em 2010. Dez anos se passaram. Dez anos de muitas transformações tecnológicas, de profundas transformações no uso das bases digitais, na difusão dessas bases e na forma de conexão das pessoas com esses novos meios. A telefonia celular, a cultura dos aplicativos, a conexão das pessoas em rede, certamente contribuíram para um novo modo de pensar as textualidades, uma cultura digital surgiu para muito além de usos sofisticados acadêmicos e intelectuais, são peças do cotidiano para pessoas de todas as idades e classes de formação educacional.

6. Escala da perfeição rizomática

Escala da perfeição é a obra máxima atribuída a Walter Hilton, místico da Ordem Agostiniana, que teria nascido entre 1340 e 1345, e falecido em 1396. Por compartilharem muitas imagens, explicações de escrituras, argumentos, vários escritos de Hilton, entre eles a primeira parte da *Escala*, podem ser datados de entre meados da década de 1370 e meados da década de 1380 (SARGENT, 2013, p. 511). Trata-se de livro de literatura alegórica, votado aos exercícios espirituais, à iniciação e preparação para a jornada espiritual desta vida para a eternidade. Inicialmente considerado como leitura para freiras, foi posteriormente pensado como

¹⁵⁶ A expressão é de Celso Cunha, ele mesmo um adepto da movência, já em 1985, coincide com o uso em língua inglesa que fazem ao nomear os adeptos da “new philology” de “fluidity”.

¹⁵⁷ Zumthor, Cerquiglino and the 'new' philologists have all argued that textual instability (variance, mouvance, 'unfixedness') is so fundamental a feature of chirographically transmitted texts that rather than trying to bring order to this chaos we should celebrate it. Here, finally, we have a means of doing so.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

fundamental para todos¹⁵⁸. O que Michael Sargent apresenta, em capítulo intitulado “Editing Walter Hilton’s *Scale of Perfection*: The Case for a Rhizomorphic Historical Edition”, é a proposta de uma “edição rizomática” da *Escala da perfeição*: “uma abordagem pós-moderna” baseada na “metáfora da relação orgânica” do rizoma. É como também temos colocado (QUEIROZ, 2011, 2019) uma concepção de livro proposta por Deleuze e Guattari, em *Mille Plateaux*, e que é apresentada numa crítica à ecclética de bases lachmannianas de maneira muito direta.

Uma edição histórica rizomórfica não tenta rastrear todas as formas do texto geneticamente para um *Urtext* idealizado, mas busca, em vez disso, demonstrar as relações dos manuscritos sobreviventes entre si em uma rede textual que, tomada como um todo, constitui o que conhecemos como *O Escala de Perfeição*¹⁵⁹. (SARGENT, 2013, p. 509)

Como apresentada por Sargent fica clara a imagem da raiz de capim, de musgo dispersa na superfície do terreno (raízes rizomáticas) em oposição à raiz mononuclear das árvores. O desenho de uma relação de textos sem hierarquização, de relações intertextuais abertas e não em torno de braços mestres que culminam em dois para finalmente remeterem a um texto tronco e sua raiz nuclear.

Ao comparar as edições críticas feitas de 1923 a 2004 (1923, Underhill; 1936 artigo de Helen Garden; 1951, edição parcial do livro I na tese de Dorward; s/d, Bliss; 1962, Hussey, Tese livro II, revisada em 2004) da *Escala*, Sargent chega à seguinte observação: “Os problemas envolvidos na produção da edição crítica da *Escala da perfeição*, de Hilton, deriva em parte de mudanças na concepção do que é uma edição crítica e o que ela pretende fazer¹⁶⁰,” (2013, p. 527). Entre as diferenças, por exemplo, chama atenção a diferença entre o resultado na determinação de “sub-arquétipos” dentre as mais importantes dessas

¹⁵⁸ Confrontar com a leitura de CAMPBELL, Mary Baine. *Spiritual quest and social space*. In: TREHARNE, Elaine; WALKER, Greg; GREEN, William. *The Oxford handbook of medieval literature in English*. New York: Oxford University Press, 2010. Chapter 35. p. 707-24.

¹⁵⁹ A rhizomorphic historical edition would not attempt to trace all forms of the text back genetically to an idealized *Urtext* but would seek rather to demonstrate the relations of the surviving manuscripts to each other in a textual network that, taken as a whole, constitutes what we know as *The Scale of Perfection*.

¹⁶⁰ The problems involved in the production of the critical edition of Hilton’s *Scale of Perfection* derive in part from changes in the conception of what a critical edition is, and what it is intended to do.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

edições críticas, a de Bliss inteiramente em desacordo com a de Dorward (p. 520). A superação desses problemas somente seria possível com uma edição que pensasse não pelo caminho recensionista evolucionista, e sim uma edição histórica que representasse importantes estágios no desenvolvimento dos movimentos do texto ao longo do tempo. O que para Sargent significaria uma edição rizomórfica não intencional (p. 531). Ele pensava numa página hipertextual eletrônica, mas usando qualquer manuscrito como texto base para todas as demais variantes.

Assim, um leitor de uma edição rizomórfica eletrônica do *Escala*, parte II, por exemplo, seria capaz de ler a forma χ do texto usando H como texto base, ou Ws, ou B; ou ler a subforma ξ abrangendo MSS Ch e Hu2, usando Ch ou Hu2 como texto base¹⁶¹ (SARGENT, 2013, p. 531)

No entanto, um impedimento técnico ainda havia à época da publicação do texto de Sargent (2013) para a realização de uma edição como propunha. Não haveria a totalidade dos manuscritos em bases semi-diplomáticas eletrônicas, nem nenhum projeto sobre a literatura medieval britânica que apontasse para essa possibilidade. Tampouco haveria, dizia ele, capacidades textuais em mídia eletrônica para essa realização¹⁶². Essas “capacidades textuais em mídia eletrônica” temos certeza, em 2020, não representam obstáculo. E ao buscarmos a existência de alguma edição crítica de *The Scale of Perfection* aos moldes rizomáticos, na internet, em plataformas virtuais, encontramos edições disponíveis em PDF, a reproduzir no computador a base do impresso. Assim como, em 2017, foi lançada uma edição crítica impressa da obra, baseada em grande parte no mesmo manuscrito Harley 6579 da British Library (nomeado H no texto de 2013), texto base da antiga edição de 1923, por Stanley Hussey e o próprio Michael Sargent¹⁶³.

¹⁶¹ Thus a reader of an electronic ‘rhizomorphic’ edition of Scale II, for example, would be able to read the χ form of the text using H as base-text, or Ws, or B; or read the ξ subform comprising MSS Ch and Hu2, using either Ch or Hu2 as base-text.

¹⁶² This will not be the case for The Scale of Perfection, at least not in the foreseeable future: the appropriate textual capacities have not yet been developed within the electronic media available to editors of medieval English texts; and there certainly is no plan for the production of semi-diplomatic editions of all of the surviving manuscripts, as was done for Ancrene Wisse – sixty-seven manuscripts (including both the English and the Latin text, as well as fragments and extracts), and five incunable prints.

¹⁶³ HILTON, Walter. *The Scale of Perfection. Book II*. Stanley Hussey; Michael Sargent (editors). New York: Oxford University Press, 2017.

7. A título de conclusão

Seguramente, a dificuldade hoje em realizar edições rizomórficas de textos antigos é muito mais de ordem institucional que de impedimento tecnológico, bases teóricas ou vontade de editores acadêmicos. Há uma questão de base econômica. Somente quando se tem o envolvimento direto de uma grande instituição (museu, biblioteca, universidade...) é possível o desenvolvimento e manutenção do projeto vivo em rede. Nicola Reggiani aponta para o sucesso de projetos digitais como o HMT, “Homer Multitext Project”, e o LOFTS, “Leipzig Open Fragmentary-Texts Series”, que nos permitem vislumbrar uma abordagem da crítica textual diferente da tradicional, ao nos apresentarem cada texto como um multitexto, um hipertexto: “uma rede fluída e dinâmica de várias edições alinhadas umas às outras (por meio de uma arquitetura URN) em vez de uma estrutura fixa tradicional de texto e aparato crítico”¹⁶⁴ (REGGIANI, 2018, p. 4).

O que era prognóstico está atualizado hoje. A *new philology*, inicialmente muito ligada aos estudos medievais, já contagia estudiosos de outros períodos, igualmente nos que ocorre o domínio da oralidade, da tradição escrital. Pois o modelo formado a partir do domínio do impresso, que verdadeiramente só se impõe muito após Gutenberg, quando utilizado como critério universal das condições de produção e circulação textuais, finda por deformar muito a maior parte da história da vida dos textos. Os medievalistas sempre tiveram consciência disto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EdUSP, 1987.

BAJETTA, Carlo M. The authority of editing: Thoughts on the Function(s) of Textual Criticism. *Textus: English studies in Italy*. Roma: Associazione Italiana di Anglistica; Carocceditore XIX, 2006. p. 305-322.

BÉDIER, Joseph. *La tradition manuscrite du Lai de l’Ombre: réflexion sur l’art de éditer les ancienstextes*. Paris: Honoré Champion, 1970

¹⁶⁴ [...] a fluid and dynamic network of multiple editions aligned to each other (by means of a URN architecture) rather than a traditional fixed structure of text and apparatus criticus.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

[1913].

BJORK, Robert E. (Ed.). *Oxford Dictionary of the Middle Ages*. Verbete: Philology. New. Oxford University Press, 2010. V. 3, p. 227.

CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante: Histoire critique de la philologie*. Paris: Seuil, 1989.

COHEN, Matt. The New, New, New Philology. *Electronic Book Review*. USA, 02/05/2017. Disponível em: <https://electronicbookreview.com/essay/the-new-new-new-philology/>. Último acesso em: 07-08/05/2019.

CUNHA, Celso. *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

DELEUZE, Gilles. *Logique des sens*. Paris: Minuit, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 2001.

DRISCOLL, M.J. The Words on the Page: Thoughts on Philology, Old and New. In: QUINN, Judy; LETHBRIDGE, Emily (Orgs). *Creating the medieval saga: Versions, variability and editorial interpretations of old Norse saga literature*. Odense, DK: University Press of Southern Denmark, 2010. Disponível em: www.driscoll.dk/docs/words.html. Acessado à última vez em: 09/10/2018.

ELIA, Sílvio. A crítica textual em seu contexto sócio-histórico. In: III ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA, 3, *Anais...* João Pessoa: UFPB/ APLM / FECPB / FCJA, p. 57-64, 1993.

GABLER, Hans Walter. Textual Criticism. In: GRODEN, Michael; KREISWIRTH, Martin; SZEMAN, Imre, *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory and Criticism*. 2.ed. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 2005. p. 901-8.

GABLER, Hans Walter. Editing Text – Editing Work. In: *Ecdotica*. n.º 10, 2013. Bolonha: Università di Bologna; Madrid: Centro para la edición de los Clásicos Españoles. p. 42-50. Roma: Carocci Editore, 2013. In: <http://ecdótica.org>. Acessado em: 10/04/2018.

HANSEN, João Adolfo; MOREIRA, Marcello. *Para que todos entendais*. Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra. Letrados, manuscrita, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII. Volume V. São Paulo; Autêntica, 2013.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HILTON, Walter. *The Scale of Perfection*. Book II. A Critical Edition based on British Library MSS Harley 6573 and 6579: 2. Stanley Hussey; Michael Sargent (editors). New York: Oxford University Press, 2017.

KAY, Sarah. The New Philology. In: LAWTON, David; SCASE, Wendy; COPELAND, Rita. *New Medieval Literatures*. Vol III. New York: Oxford University Press, 1999. p. 295-326

LARDINOIS, André. New philology and the classics: accounting for variation in the textual transmission of Greek lyric and elegiac poetry. In: CURRIE, Bruno; RUTHERFORD, Ian (Eds). *The reception of Greek lyric poetry in the ancient world: transmission, canonization and para-text*. Studies in Archaic and Classical Greek Song, v. 5. Leiden; Boston: Brill, 2019. p. 39-71

MAAS, Paul. *La critica del testo*. Traduzione a cura di Giorgio Ziffer. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2017 [1927].

NICHOLS, Stephen G. Introduction: Philology in a manuscript culture. *Medieval Academy of America. Speculum*, v. 65. n. 1 (jan. 1990) p. 1-10.

NICHOLS, Stephen G. Writing the new Middle Ages. *Modern Languages Association*, v. 120, n. 2 (mar. 2005) p. 422-441. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25486169>. Acesso em: 08/10/2017.

QUEIROZ, M. N. de. Do texto árvore ao texto rizoma: questões em torno da fixação de textos. *XII Congresso da Abralic*. Curitiba: UFPR, 2011.

QUEIROZ, M. N. de. Por uma crítica textual (ecdótica) do rizoma: questões em torno do estabelecimento de textos. *Revista Philologus*, Ano 25, n. 74. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2019. p. 282-95

REGGIANI, Nicola. The corpus of the Greek medical papyri and a new concept of digital critical edition. In: REGGIANI, Nicola (Org.). *Digital Papyrology II: case studies on the digital edition of ancient Greek papyri*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2018. p. 3-61.

ROBINSON, Peter. The concept of the work in the digital age. In: *Ecdotica*. n. 10, 2013. Bolonha: Universitàdi Bologna; Madrid: Centro para la edición de los Clásicos Españoles. p. 13-42. Roma: Carocci Editore, 2013. In: <http://ecdótica.org>.

ROLD, Orietta da. Textual copying and transmission. In: TREHARNE,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Elaine; WALKER, Greg; GREEN, William. *The Oxford Handbook of Medieval Literature in English*. New York: Oxford University Press, 2010. p. 33-56

SARGENT, Michael G. Editing Walter Hilton's *Scale of Perfection*: The Case for a Rhizomorphic Historical Edition. In: GILLESPIE, Vincent; HUDSON, Anne. *Probable Truth: Editing Medieval Texts from Britain in the Twenty-First Century*. Turnhout, Belgium: Brepols, 2013.

SHILLINGSBURG, Peter. How Literary Works Exist: Convenient Scholarly Editions. *Digital Humanities Quarterly*. Vol. 3, n. 3. 2009. Disponível em: <http://digitalhumanities.org/dhq/vol/3/3/000054/000054.html>. Acesso em: 16/08/2020.

YAGER, Susan. New Philology. In: CLASSEN, Albrecht (org.). *Handbook of medieval studies: terms, methods, trends*. Berlin; Boston, MA: De Gruyter, 2010. V. 2 p. 999-1006

ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Seuil, 1972.